

CAPÍTULO II

Choro, dor e luta

Envolvido pelo abraço de Tarumã, Suru mergulhou em sonhos profundos sendo transportado para vivenciar o passado.

Ele viu homens brancos vestidos de roupas estranhas que iam até o pé. Eles tinham bíblias nas mãos e estavam ao lado de uma enorme cruz.

No meio da floresta, esses homens autoritariamente falavam para o povo, por vezes em latim. As pessoas pareciam curiosas, enquanto os outros ostentavam a arrogância daqueles que se julgam portadores da verdade. Contudo, algo chamou a atenção de Suru: os indígenas eram mais numerosos que os brancos.

— Reconhece esses homens? — Tarumã apontou para os não indígenas — Estes são os Jesuítas. Há mais de 300 anos, as Missões Jesuíticas juntaram vários povos indígenas, dentre eles os numerosos Chiquitanos. Mas isso teve seu



custo: a religião católica e a cultura do homem branco foram impostas numa tentativa de enfraquecer vocês. Eles tentaram silenciar vocês, apagar suas culturas e cosmovisões por meio da violência física e espiritual.

Uma nova imagem se formou. Era um campo aberto no meio da floresta onde um grupo indígena estava sentado no chão, enquanto um Jesuíta falava e apontava com uma das mãos para a estátua de um Santo Católico. Na outra mão, o Jesuíta segurava uma bíblia aberta. O objetivo da reunião, explicou Tarumã, era ensinar crianças e adultos indígenas a ler a bíblia e a cultuar os santos do catolicismo, o catecismo.

Aos pés de uma cruz, no fundo, Suru viu ainda um indígena jogado ao chão, gravemente ferido e sozinho... Vivo, mas sem forças. Este ainda portava as pinturas corporais e as roupas de sua cultura indígena.



— Ele é como eu... — falou Suru enquanto apertava firmemente a mão, quase tanto quanto o seu próprio coração apertava.

Ele lembrou com pesar das histórias que os anciões contavam sobre o sofrimento experimentado pelos Chiquitanos que resistiram abertamente contra a opressão do homem

branco, que não apenas marcavam seus corpos, mas também o meio ambiente. Quanto mais invadiam, menos floresta tinha.



— Os anciões contam histórias. Eles dizem que o sofrimento dos Chiquitanos só aumentou com o tempo e com a destruição da natureza.

— Boa observação, Suru. A devastação ambiental foi intensificada quando os homens brancos invadiram estas terras. Lembro-me de 1850, quando eles criaram uma tal Lei de Terras. Ela permitiu que mais estranhos ocupassem as terras do povo Chiquitano na fronteira entre Brasil e Bolívia e estabelecessem enormes fazendas. Os fazendeiros exploravam a mão de obra indígena por meio de serviços forçados. E a coisa só piorou.

A angústia tomou conta de cada centímetro do corpo de Suru. O que estava vendo era pavoroso. Aquilo com certeza era consequência da guerra. Chiquitanos lutavam contra os

não indígenas. A aldeia ardia em chamas. Corpos espalhados pelo chão, que estava pintado de vermelho. Os Chiquitanos resistiriam, mas a dor jamais seria esquecida.

Agora a imagem mostrava árvores sendo derrubadas, animais fugindo, outros perdendo sua casa e até sua vida. Os homens brancos armados forçando alguns adultos e crianças indígenas a trabalharem em suas fazendas. Aqueles que tentavam fugir eram baleados. Não fosse Tarumã segurando o jovem, talvez ele tivesse caído ali mesmo.



— Como é que tudo isso pode ficar pior? — perguntou enquanto suas lágrimas caíam junto às águas.

Tarumã percebeu que a tristeza e a dor estampavam a face de Suru. Decidiu que seria prudente transportá-lo para um ambiente mais calmo, de volta ao lugar em que estavam antes. Afinal, não era sua intenção apagar a esperança daquela criança.

De volta a um cenário mais amigável, Tarumã tornou a falar:

— Estou falando de 1970, quando foi criado o tal do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no Brasil, que instituiu a “Regularização Fundiária”.

— Como essa tal “Regularização Fundiária” afetou os Chikuitanos?

— Com ela, o Estado brasileiro passou a registrar os títulos das terras dos fazendeiros, como se eles fossem os verdadeiros donos, desconsiderando a ocupação tradicional indígena. Isso modificou a característica tradicional dos aldeamentos, dividiu famílias e reduziu o território indígena, bem como aumentou a pressão contra a cultura e cosmovisões do povo Chikuitano. Locais sagrados e importantes estão na posse destes fazendeiros.

— Mas nós Chikuitanos somos fortes e resistimos! — bradou destemido.

— Resistiram sim, mas viram sua população diminuir devido ao processo de silenciamento instaurado pelos grandes fazendeiros locais e pelo poder público local. Muitos de vocês passaram a negar sua origem indígena.

— Verdade. O irmão da minha avó fez isso para conseguir um emprego. Minha avó disse que na época a família passava fome e que a bisavó estava muito doente. Não tinha dinheiro pra comida nem remédios.

— E os fazendeiros, que roubaram suas terras e os condenaram à miséria, se beneficiaram da desgraça do seu povo. Eles só concediam trabalho e comida a quem não se declarasse indígena e não falasse outra língua que não o português. A remuneração era baixa e o trabalho ia até de madrugada.

— Vovó diz que a bisa era muito orgulhosa de sua origem e morreu logo depois do filho ir trabalhar numa fazenda. Vovó diz que ela morreu de desgosto mesmo.

— Pois é, não foi apenas o irmão da sua avó que negou a sua origem Chiquitana. Essa política de opressão infelizmente funcionou e boa parte de seu sucesso se deve à omissão do poder público local, que sabedor desta situação nada fez. Até a década de 1990, muitos Chiquitanos viviam como pessoas comuns em aldeias. Mesmo que nem todos se dissessem indígenas, ainda celebravam seus rituais.

— Como o Curusé?

— Sim. Bem lembrado. Que celebração linda — Tarumã agitou suas águas para mostrar a alegre festa, para compensar tamanho sofrimento e mostrar que nem tudo se perdeu. Apesar de toda opressão, era hora de mostrar que a cultura do povo resistiu sim!

— Ei, espera! Eu lembro desse Curusé! Foi ano passado! — Recordou Suru com alegria renovada. — Me diverti muito. Este ano mamãe diz que será melhor ainda. Não entendo como é possível que alguns Chiquitanos tenham negado nossa cultura. Ela é tão rica e bonita. Eu me orgulho de ser Chiquitano e falo isso para quem quiser ouvir.

— Ora, pequenino... — Tarumã levou a mão à boca enquanto ria um pouco mais alto — Você tem motivos para se orgulhar da cultura e da força de seu povo.

A HISTÓRIA DO POVO CHIQUITANO
NARRADA PELO RIO TARUMÃ



— Pode apostar! Mas... Tarumã, acha que isso tem jeito? Essa coisa das pessoas largarem tudo que são pra fingir ser branco?

Tarumã parou por um breve momento por causa do raciocínio do menino.

— Podemos dizer que estamos vivenciando uma transformação desde o ano de 2000, quando o povo Chiquitano foi “redescoberto” pelo Estado brasileiro.

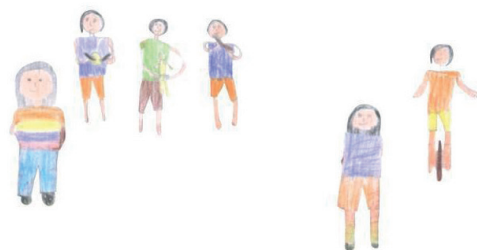
— Como assim redescoberto? A gente já não tá aqui há um tempão?

— Quando precisaram construir um gasoduto internacional entre Bolívia e Brasil, tiveram que estudar a região. Aí, fizeram um estudo de impacto ambiental, quando o Estado percebeu que havia uma comunidade indígena na região. A partir daí muitas pessoas se assumiram como Chiquitanas.

— O povo da cidade respeitou a escolha destas pessoas?

A conversa se aproximava novamente de assunto delicado, difícil de ser tratado. Suru sentiu a mudança e soube que coisa boa não vinha pela frente.

— Infelizmente não. As pessoas que se assumiram como Chiquitanas e buscaram seus direitos enfrentaram problemas. Elas eram ameaçadas pelos fazendeiros. O medo era tanto que os Chiquitanos da aldeia Vila Nova Barbecho, por exemplo, não podiam ir sozinhos no vilarejo próximo comprar algo, sob risco de sofrer violência física ou até mesmo ser assassinado.



— É... Parece que se assumir como Chiquitano é um ato de coragem.

— Verdade, a coragem é e sempre será um elemento importante da personalidade do povo Chiquitano.



Suru pensou que se era difícil para os Chikuitanos adultos, deveria ser pior para as crianças como ele.

— Isso não faz muito tempo, né? Como que as outras crianças Chikuitanas eram tratadas?

— Bem, na época ainda não existia escola na aldeia e as crianças tinham que estudar fora, onde não se respeitavam as cosmovisões indígenas. Nessas escolas, as crianças sofriam preconceito, eram chamados de bugres e índios, como se o termo índio fosse algo negativo e humilhante. Foi daí que surgiu a luta dos Chikuitanos junto às Secretarias Municipais de Educação de Mato Grosso para que fossem criadas escolas dentro das aldeias indígenas onde sua cultura fosse respeitada.

— Se não fosse isso, eu nem teria escola pra estudar hoje, né?

— Talvez tivesse em alguma cidade, fora das aldeias, mas nenhuma que te ensinasse do jeito que te ensinam lá.

— Ah, que bom! Fico feliz que tenham se preocupado com isso. Eu gosto muito de lá. Meus pais sempre me disseram que educação é importante!

— Sim, ela é. Mas o processo de ensinar deve respeitar a cultura de vocês. Do contrário, estaremos diante de mais uma situação de violência, de silenciamento.

— Você tem razão. Aprendi que a violência nunca traz nada de positivo.

— É, mas infelizmente nem todos respeitam seus semelhantes e a natureza. Por isso, as violações de direitos são constantes, quer através de violências explícitas ou veladas.

— Todo mundo na minha aldeia sabe que precisamos respeitar as pessoas e a natureza. A gente depende dela e não

vai ter Chiquitano se não tiver um meio ambiente saudável, mas os fazendeiros não ajudam, né?



— Devo concordar. Sabia que atualmente os fazendeiros envenenam a água, terra e ar?

— É mesmo?

— Sim. Eles contaminam tudo usando agrotóxicos, o que gera efeitos na saúde das pessoas, em especial das mulheres grávidas, que em contato com eles podem apresentar muitos problemas, causando doenças e mortes nas aldeias.

— Não entendo... Por que eles não conseguem ver que tão fazendo mal para as pessoas e pra você? Tá tão na cara que eles não enxergam? Como não veem isso? No início, parece que só afeta a gente na aldeia, mas se continuar desse jeito, vai acabar sendo ruim pra todo mundo! Eu não consigo entender o que essa gente pensa!

Tarumã ficou surpreso ao perceber que Suru, apenas uma criança, já conseguia ver o resultado em cadeia das ações humanas.

— De fato! Devo admitir que é difícil até mesmo para eu entender isso. Nisso não poderia ajudá-lo. Também não entendia como algo que julgava ser tão simples e lógico poderia ser ignorado desse jeito.

— E tem mais! Como é que o governo não ajuda? Papai

diz que eles têm que ajudar a gente.

— Sim. Não podemos esquecer que o Estado também tem sua parcela de culpa.

— Como assim?

— Os povos indígenas, incluindo os Chiquitanos, têm direitos garantidos nas normas brasileiras. Estou falando da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, das Leis brasileiras e dos Acordos Internacionais dos quais o Brasil é membro. Não precisa entender esses nomes, mas precisa saber que é comum que o próprio Estado viole esses direitos ou simplesmente não impede outros de fazer isso.

— Isso tudo parece tão complicado! Difícil de entender.

— De fato. — reconheceu Tarumã — Por isso mesmo, como eu disse, você não precisa saber tudo de cabeça, mas tem algumas coisas que deve lembrar e que não posso deixar de explicar. Então, Suru, tenha calma.

